

# Capítulo 4

## Formação de Gestantes no Pré-natal para Enfrentamento à Sífilis e Demais IST: O uso de ferramenta educacional mediada por tecnologia

*Andressa Cristina de Lacerda Oliveira*

*Lina Morgado*

*Josiane Araújo da Cunha*

*Aline de Pinho Dias*

### 1. Cenário da epidemia de sífilis no Brasil

Atualmente, enfrentamos inúmeros problemas de saúde pública relacionados à má adesão a hábitos saudáveis de vida e medidas de prevenção à saúde. As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) consistem em uma dessas problemáticas de saúde pública, as quais são responsáveis pela ocorrência de mais de um milhão de casos por dia, conforme estimativa da Organização Mundial da Saúde (WHO, 2019). A sífilis, especificamente, afeta um milhão de gestantes por ano, em todo o mundo, levando a mais de 300 mil mortes fetais e neonatais e colocando em risco de morte prematura mais de 200 mil crianças. No Brasil, entre 2012 e 2017, foi observado um aumento constante no número de casos de sífilis em gestantes, congênita e adquirida (BRASIL, 2020).



De 2010 para 2018, a taxa de detecção de sífilis adquirida foi de 2,1 para 76,2 casos por 100.000 habitantes e a de sífilis em gestante foi de 3,5 para 21,5 casos por 1.000 nascidos vivos. Nesse mesmo período, a taxa de incidência de sífilis congênita cresceu de 2,4 para 9 para cada 1.000 nascidos vivos (BRASIL, 2020). Em 2020, conforme dados do Boletim Epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde, foram notificados no Sistema Nacional de Agravos Notificáveis (SINAN): 115.371 casos de sífilis adquirida; 61.441 casos de sífilis em gestantes; 22.065 casos de sífilis congênita (BRASIL, 2021).

Mediante o cenário da epidemia de sífilis que atinge o Brasil, o Tribunal de Contas da União (TCU), juntamente com o Ministério da Saúde, lançou, em 2017, a Estratégia Nacional “Resposta Rápida à Sífilis nas Redes de Atenção”, a qual promove ações de cooperação para fortalecimento do processo de planejamento de ações em torno do enfrentamento à sífilis nos espaços locorregionais. Nesse contexto, o Ministério da Saúde convidou os gestores municipais e estaduais a aderirem à estratégia nacional de cooperação técnica que envolve as Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde, a Secretaria de Educação a Distância e o Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (SEDIS e NESC-UFRN) e a Organização Pan-americana da Saúde (OPAS), com objetivos de promover ações conjuntas, integradas e colaborativas entre as áreas de vigilância e atenção em saúde no território (LUCAS *et al.*, 2019).

Dentre as ações recomendadas no âmbito da referida estratégia, estão: Gestão e Governança, que prevê a inclusão de ações nos planos de gestão dos municípios; o Cuidado Integral, o qual propõe garantir a prevenção e tratamento desde a atenção básica até os níveis especializados; a Vigilância, a qual tem o objetivo de condicionar as ações anteriores, evitando o retrocesso; e a Educomunicação,

reforçando a divulgação da doença, a fim de aumentar o conhecimento da população sobre o tema (BRASIL, 2017).

## **2. A Educomunicação e utilização das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) para o enfrentamento à epidemia de sífilis**

A Educomunicação é a sobreposição da educação e comunicação, a qual se preocupa com o potencial educativo da comunicação midiática, que mesmo em circunstâncias que não tenham a intenção de educar, fornece informações determinantes para que as pessoas construam sua visão de mundo. Em Educomunicação, atua-se com intervenções para a consciência e a participação crítica dos sujeitos, fomento do diálogo e empoderamento dos indivíduos (ALMEIDA, 2016).

De maneira semelhante, destaca-se o conceito de Educação em Saúde que, por sua vez, é uma prática social, cujo processo contribui para a formação da consciência crítica das pessoas a respeito de seus problemas de saúde, a partir da sua realidade, ao estimular a busca de soluções e organização para a ação individual e coletiva (BRASIL, 2007).

De acordo com o Ministério da Saúde (2012), a Educação em Saúde consiste na construção de conhecimentos em saúde, a partir do conjunto de práticas do setor que contribuem para aumentar a autonomia das pessoas no seu cuidado e no debate com os profissionais e os gestores, a fim de alcançar uma atenção de saúde de acordo com suas necessidades.

A Educação em Saúde é entendida como uma importante vertente direcionada à prevenção e preocupada com a melhoria

das condições de vida e de saúde das populações. Geralmente, esse processo ocorre por meio de aconselhamentos interpessoais ou impessoais. Os primeiros são realizados em consultórios, escolas, entre outros, de forma mais direta e próxima do indivíduo. Já os aconselhamentos impessoais são aqueles que ocorrem por meio da mídia, com o objetivo de atingir um maior número de pessoas (OLIVEIRA; GONÇALVES, 2004).

No cenário globalizado no qual vivemos, as novas tecnologias de informação e comunicação dão oportunidade a uma verdadeira revolução nos processos da educação e, conseqüentemente, da educação em saúde, desde os níveis fundamentais até o universitário, afetando os conceitos e processos de construção de conhecimento e as metodologias de ensino-aprendizagem (SCHALL; MODENA, 2005).

Nesse aspecto, é incontestável que a internet se tornou algo presente no convívio social e as facilidades das ferramentas da Web modificaram diversos contextos, seja nos ambientes sociocultural, político, econômico, educacional e, inclusive, no contexto da saúde. Hoje em dia, dispõe-se de serviços médicos e/ou de Saúde Pública, que servem de apoio tecnológico aos dispositivos móveis, como telefones celulares, sensores, além de outros equipamentos vestíveis (dispositivos diretamente conectados ao usuário) (WHO, 2011).

Entre as potenciais formas de aplicações da tecnologia dos dispositivos móveis, destacam-se: uso de suporte telefônico para cuidado em saúde; serviços telefônicos gratuitos de emergência; acompanhamento da adesão ao tratamento; lembretes de compromissos; ações de promoção à saúde e mobilização comunitária; campanhas de educação em saúde; vigilância e monitoramento epidemiológico; monitoramento de pacientes; disseminação de informações; desenvolvimento de sistemas de

apoio à tomada de decisão; novas formas de armazenamento de dados clínicos (WHO, 2011).

A oferta desses serviços que utilizam informações e tecnologias de comunicação, no intuito de prestar cuidados de saúde e melhorar os serviços de saúde é denominada saúde eletrônica (e-Health) (EYSENBACH, 2001). Dentro da mesma perspectiva do e-Health, o mobile Health (m-Health) permite a realização de suporte remoto a pacientes, por meio do uso de celulares, aparelhos de monitoramento, assistentes pessoais digitais (PDAs), e outros aparelhos sem fio”, possibilitando a execução de práticas médicas e de saúde pública, auxiliadas pelos aparatos portáteis ou autopromoção (HANDEL, 2011). A saúde móvel cria condições para a avaliação contínua de parâmetros de saúde, configura um novo cenário de incentivo a comportamentos saudáveis e auxilia a autogestão de condições crônicas, entre outras vertentes de aplicação (ROCHA *et al.*, 2017). A relevância da prática da e-Saúde acabou por conduzir a Organização Mundial da Saúde (OMS) a criar um Observatório Mundial de Saúde Eletrônica e propor a sua expansão ao nível de estratégia de ação (WHO, 2014).

O termo e-saúde (e-Health), também conhecido como saúde digital, engloba diversos campos, nomeadamente: **Registro eletrônico de saúde, Teleassistência, m-Health e Telessaúde.**

**O Registro eletrônico** de saúde refere-se aos registros dos exames, consultas, diagnósticos, marcação de consultas, entre outros relativos ao doente, disponibilizando essa mesma informação a todas as instituições que constem da rede de informação de saúde; a **Teleassistência** (telecare), por sua vez, consiste em toda a atuação de profissionais de saúde e apoio social baseados em dados de telemonitorização e dos sinais clínicos do doente, apoiando-se, nos equipamentos de monitorização a distância; o **m-Health** diz respeito à utilização de dispositivos móveis para os cuidados de

saúde, geralmente monitorização e vigilância de certos parâmetros do paciente para registo por meio de relógios digitais, PDAs, smartphones e *apps*, entre outros. Por fim, o termo **Telessaúde** refere-se à toda e qualquer atividade que diz respeito aos cuidados, envolvendo a saúde e que utilize os sistemas de informação, telecomunicação e tecnologia para a sua disseminação.

A Telessaúde, por sua vez, subdivide-se em: (a) telemedicina que consiste na prestação de cuidados médicos individuais a pacientes, de carácter mais concreto, utilizando tecnologia que permite a interação a distância entre médicos e enfermeiros relativamente a procedimentos associados aos cuidados do doente e ao diagnóstico e (b) tele-educação em saúde para profissionais ou para a população em geral, podendo ser síncrona (em formato de teleconferências, por exemplo) ou assíncrona (pela disponibilização de materiais digitais de conteúdo informativo e pedagógico como folhetos, vídeos explicativos, etc.) (MAIA, 2020).

As tecnologias móveis evoluem constantemente, abrangendo uma grande diversidade de suportes, entre eles, *smartphones*, *tablets*, leitores de livros digitais (*e-readers*), aparelhos portáteis de áudio e consoles manuais de videogames, os quais permitem a utilização de uma gama de aplicativos (*apps*) dos mais variados tipos, desde aqueles que têm a finalidade de entretenimento, até aos destinados à organização de finanças, negócios, utilização de meios de transporte, saúde, bem-estar. No contexto educacional, os aplicativos inovam o esquema ensino-aprendizagem e são amplamente discutidos por pesquisadores na área da educação, já que têm por objetivo modernizar, dinamizar, ampliar e enriquecer suas experiências pedagógicas (OLIVEIRA; ALENCAR, 2017).

### 3. Os potenciais das aplicações para a Educação em Saúde

Os aplicativos (*apps*) são softwares para dispositivos móveis que capturaram, armazenaram, recuperaram, analisaram, receberam e compartilham informações. Por serem tecnologias desenvolvidas para uso em aparelhos móveis, possibilitam a personalização, ou seja, o usuário pode customizá-los, de acordo com suas preferências e particularidades (OLIVEIRA; ALENCAR, 2017). Existem no mercado variados tipos, desde os que possuem a função de entretenimento até aqueles que buscam orientar pacientes e profissionais quanto ao cuidado e manutenção da saúde (ROCHA *et al.*, 2017). Nessa perspectiva, considerando as possibilidades que as tecnologias móveis de saúde proporcionam para disseminação de informação em saúde à população, os aplicativos de saúde para dispositivos móveis potencializam e agilizam a comunicação aos usuários dos serviços de saúde, encurtando distâncias e levando informações mais seguras, favorecendo, significativamente, a qualidade do autocuidado, empoderamento e acompanhamento criterioso dos processos de saúde-doença. Diante disso, percebe-se um maior envolvimento e participação dos indivíduos, o que oportuniza a autonomia dos sujeitos (CHAVES *et al.*, 2018).

Tais ecossistemas digitais de aprendizagem contribuem para o empoderamento do usuário, incentivando-o a agir como protagonista de sua saúde, de forma consciente e sensibilizada, no que diz respeito à adoção de medidas de prevenção, com vistas à incorporação de hábitos saudáveis de saúde (COSTA *et al.*, 2014). Nesse sentido, as tecnologias e suas aplicações favorecem a autoaprendizagem, as relações sociais, o compartilhamento de experiências e a aprendizagem colaborativa, proporcionando o acesso ao conhecimento, em qualquer lugar e a qualquer

momento (COSTA *et al.*, 2014). Além disso, potencializa a comunicação interativa e dinâmica (LUCENA; PEREIRA; OLIVEIRA, 2016).

Sendo assim, aplicativos para celulares, tablets e computadores são boas estratégias pedagógicas transformadoras condizentes com a contemporaneidade e ajudam a desenvolver a autonomia dos envolvidos no processo de aprendizagem. Ao usar aplicativos, os aprendentes são totalmente ativos, passando de consumidores a produtores de conteúdo, dotados de maior liberdade criativa. Usar aplicativos “na” e “para” a educação é importante para o incentivo ao estudo, à leitura e à escrita e à pesquisa, em ambientes on-line (COUTO; PORTO; SANTOS, 2016).

As funcionalidades de interatividade, encontradas em alguns aplicativos, para troca de informações entre os usuários e com profissionais de saúde, proporcionam maior adesão ao tratamento, geram melhoria da segurança do paciente e estreitam laços (RODRIGUES; TELES, 2019). Tais evidências reforçam os potenciais efeitos da interatividade, por meio de funcionalidades como chats, sala de conversa, fóruns, os quais possibilitam a formação de comunidades, nas quais os usuários possam se sentir à vontade para compartilhar dúvidas, produzir e trocar informações e experiências.

Os recursos utilizados nas ferramentas tecnológicas para fins de ensino-aprendizagem, como por exemplo os recursos audiovisuais, de vídeos, imagens, animações, possibilitam uma aprendizagem significativa, pois ancoram o aprendizado em diferentes pontes, além de gerarem maior interesse, motivação e um maior dinamismo (SILVA *et al.*, 2019).

Outras funcionalidades relevantes para aplicações educacionais em saúde são aqueles referentes à testagem dos conhecimentos assimilados e à utilização de recursos de gamificação (jogos), a qual gera uma oportunidade descontraída de se

construir representações resultantes do processo de aprendizagem e, portanto, consolidando-o.

Algumas pesquisas na área de jogos digitais e eletrônicos articulam a relação dessas novas mídias com os espaços de aprendizagens, sinalizando possibilidades eficazes para essa parceria entre o lúdico que se aproxima do universo semiótico do aprendente e o seu processo de aprendizagem (ALVES, 2008).

#### **4. Aplicações voltadas para educação em saúde e suas contribuições**

A educação para a saúde, por meio da utilização de aplicativos em dispositivos móveis, revela-se como um processo pedagógico que tem permitido maior acesso da população a informações, de maneira rápida, muitas vezes gratuita, sobre estilo e qualidade de vida, hábitos saudáveis, entre outros (ROCHA *et al.*, 2017). Um exemplo de iniciativas relacionadas à educação em saúde apoiada no m-Health é o aplicativo Emagreça@Saudável, o qual consiste em um sistema de apoio à educação em saúde que visa a melhoria da qualidade de vida do seu usuário, por meio da conscientização de hábitos saudáveis, por meio do qual são apresentadas questões pertinentes à sobrepeso e obesidade (BARBOSA *et al.*, 2018).

Outra iniciativa de uso de aplicativos voltados para a educação e promoção à saúde é o aplicativo “Aedes Zero”, o qual cumpre sua função ao promover, de forma simples, dinâmica e acessível, as informações sobre prevenção e controle das arboviroses. Esse aplicativo, criado por equipe de discentes, docentes e técnicos em educação da Universidade Federal do Espírito Santo, permitiu o desenvolvimento da consciência crítica para a aquisição de hábitos de vida saudáveis, tornando as pessoas agentes

de multiplicação de informações contidas na ferramenta (PRIMO; MIRANDA SANT'ANNA, 2017).

Aplicativos direcionados à educação em saúde da população vêm sendo desenvolvidos em diversas áreas. Em relação à temática de gravidez, parto e puerpério, nela compreendida a maternidade e paternidade, vários aplicativos estão disponíveis para proporcionar informações e orientações, por meio de dicas, ou vídeos sobre os mais diversos temas, auxiliando os pais e deixando-os mais preparados e confiantes a enfrentar novos desafios (CHAVES *et al.*, 2018).

Na mesma perspectiva, o estudo realizado para avaliar o protótipo do aplicativo GestPro, com orientações para as gestantes sobre as alterações fisiológicas e os cuidados no período gestacional, evidenciou a importância do aplicativo no papel educativo de incentivo ao autocuidado, por induzir a procura da assistência pré-natal (CAVALCANTE, 2018).

Outrossim, pesquisa realizada por Gomes *et al.* (2019), a qual avaliou os aplicativos móveis disponíveis sobre pré-eclâmpsia, nos principais sistemas operacionais para a promoção da saúde de gestantes, verificou que esses aplicativos podem esclarecer eventuais dúvidas que as gestantes possam ter acerca dos fatores de risco, sendo capazes de reconhecer seus sintomas, mantendo-as atentas a procurar a assistência em saúde, contribuindo para a detecção precoce e gerenciamento clínico mais bem-sucedido da doença.

Outra pesquisa, voltada para o público-alvo de gestantes, analisou a utilização de um aplicativo móvel intitulado “Gestação Saudável”, para smartphone, como ferramenta na adesão às consultas de pré-natal. Na referida pesquisa, observou-se que as grávidas mais atuantes nas consultas de pré-natal correspondiam àquelas que fizeram uso da ferramenta tecnológica, fato que

comprova a eficácia do aplicativo. O aplicativo impactou diretamente no processo de empoderamento das gestantes, tendo em vista tratar-se de uma tecnologia dinâmica, capaz de impulsionar o diálogo entre os profissionais e pacientes (SOUZA, 2019).

Pode-se destacar, nesse cenário de enfrentamento às IST, a pesquisa realizada por Sales e seus colaboradores (2019), os quais desenvolveram e avaliaram o aplicativo denominado SELP, responsável por oferecer informações de saúde ao usuário sobre a sífilis, como sintomas, causas, riscos e tratamento, em texto e vídeo. Além disso, oferece mapas de direcionamento aos locais de postos de saúde do município. Dessa forma, a ferramenta auxilia os profissionais da saúde na convocação e tratamento das gestantes e dos seus parceiros com sífilis, funcionando também como uma estratégia de promoção à saúde sexual da população.

Nesse contexto, Oliveira e seus colaboradores (2021) elaboraram o protótipo de um aplicativo Web, denominado Conversa de Mãe. Este consiste em uma ferramenta de educação em saúde mediada por tecnologia para gestantes, no intuito de auxiliá-las na aquisição de informações referentes aos mais diversos temas relacionados aos cuidados durante a gravidez como, por exemplo, dicas e recomendações sobre alimentação, atividade física, vacinação, amamentação, pré-natal, parto, e enfrentamento à sífilis. O aplicativo esclarece informações sobre sinais e sintomas, prevenção, diagnóstico e tratamento da IST, abordando os assuntos de forma dialógica e interativa.

Com suas funcionalidades, o protótipo do referido aplicativo Web desenvolvido se configura como uma potencial fonte de informações para adoção de medidas preventivas de saúde pelos usuários, possibilitando a aquisição de conhecimento e inúmeras habilidades pelo usuário dentro do seu processo de aprendizagem em saúde, por meio dos recursos disponíveis, buscando contribuir

para a melhoria dos indicadores e redução dos casos de sífilis em gestante e de sífilis congênita, a partir de ações de educação em saúde a distância, durante o pré-natal (OLIVEIRA, 2021).

## 5. Considerações finais

Mediante a abordagem realizada até aqui, verifica-se que, quanto às práticas de saúde na prevenção das infecções sexualmente transmissíveis, faz-se necessário que as ações assistenciais sejam realizadas em conjunto com práticas educativas em saúde eficientes e capazes de sensibilizar a população, no intuito de evitar comportamentos de riscos, considerando o sujeito e o contexto biopsicossocial na construção de estratégias de autocuidado, práticas sexuais seguras e corresponsabilidade (PINTO *et al.*, 2021).

Diante das tecnologias de educação para promoção da saúde, o meio digital, como uma importante ferramenta de acesso à internet, amplia a disseminação do conhecimento, e possibilita por meio de blogs, chats, grupos de conversas, a divulgação de ações de empoderamento nas relações sexuais e o esclarecimento de dúvidas frente ao assunto, promovendo redução da fragilidade para as IST (XAVIER; SANTOS, 2020).

Como vem sendo exposto, a utilização de tecnologias educacionais voltadas para o cuidado e promoção à saúde geram diversas possibilidades que podem ser úteis nos campos de educação e informação em saúde. Nessa perspectiva, é possível verificar que as Tecnologias da Comunicação e Informação (TIC) aumentam o potencial de acesso à informação e fornecem alternativas de educação em saúde, enriquecendo, portanto, o arsenal de estratégias de Educomunicação para o enfrentamento da epidemia de sífilis no país.

Dessa forma, os profissionais devem desenvolver a promoção e prevenção da saúde sexual, a partir de estratégias de educação em saúde com vistas à sensibilização dos usuários, com relação às práticas sexuais de risco e multiplicidade de parceiros, por meio do uso da internet como veículo de disseminação do conhecimento, destacando-se as mídias virtuais, utilizadas pela maioria da população (CRESPO *et al.*, 2019).

Apesar da relevância e da popularização das mídias virtuais, em especial dos aplicativos, no âmbito da prevenção, as pesquisas nesse meio ainda são incipientes. Ressalta-se a importância do uso de Tecnologias de Informação e Comunicação nas ações do profissional de saúde, com vistas a auxiliar e facilitar o processo ações de prevenção de doenças e agravos, que exercem impacto direto sobre a saúde e qualidade de vida do paciente, bem como na realidade geral de saúde pública da população.

## Referências

ALMEIDA, L. B. C. **Projetos de intervenção em educomunicação**. Campina Grande: [s. n.], 2016.

Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4615065/mod\\_resource/content/1/Projetos%20de%20Interven%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4615065/mod_resource/content/1/Projetos%20de%20Interven%C3%A7%C3%A3o.pdf). Acesso em: 29 ago. 2021.

ALVES, L. Relações entre os jogos digitais e aprendizagem: delineando percurso. **Educação, Formação & Tecnologias**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 3-10, nov. 2008.

BARBOSA, M. L. K.; ZEMOR, M. F.; ZANCAN, L.; ROESLER, V.; COSTA, M. R.; CAZELLA, S. C. Uma solução *m-Health* para apoio à educação em saúde com foco na mudança de comportamento para hábitos saudáveis. **Renote**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 291-300, dez. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/89269/51510>. Acesso em: 5 maio 2021.

BRASIL. Fundação Nacional de Saúde. **Diretrizes de educação em saúde visando à promoção da saúde**: documento base - documento I. Brasília, DF: Funasa, 2007. Disponível em: <http://www.funasa.gov.br/documents/20182/38937/Educa%C3%A7ao++em+Saude++Diretrizes.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **Agenda de Ações Estratégicas para Redução da Sífilis no Brasil**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: [https://www.febrasgo.org.br/noticias/item/download/95\\_e2639ebfbac98da42ac7f0409d76000](https://www.febrasgo.org.br/noticias/item/download/95_e2639ebfbac98da42ac7f0409d76000). Acesso em: 20 ago. 2021.

BRASIL. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico Especial**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2020.

BRASIL. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: [https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/boletins-epidemiologicos/especiais/2021/boletim\\_sifilis-2021\\_internet.pdf](https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/boletins-epidemiologicos/especiais/2021/boletim_sifilis-2021_internet.pdf). Acesso em: 14 mar. 2021.

CAVALCANTE, M. **Desenvolvimento de um Protótipo de aplicativo na educação em saúde para gestantes**. 2018. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem) – Centro Universitário UNINOVAFAPI, Teresina, 2018. Disponível em: [https://assets.uninovafapi.edu.br/arquivos/old/arquivos\\_academicos/repositorio\\_Biblioteca/enfermagem/20182/.DESENVOLVIMENTO DE UM PROTÓTIPO DE APLICATIVO NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA GESTANTES.pdf](https://assets.uninovafapi.edu.br/arquivos/old/arquivos_academicos/repositorio_Biblioteca/enfermagem/20182/.DESENVOLVIMENTO DE UM PROTÓTIPO DE APLICATIVO NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA GESTANTES.pdf). Acesso em: 16 maio 2022.

CHAVES, A. S. C.; OLIVEIRA, G. M.; JESUS, L. M. D. S.; MARTINS, J. L.; SILVA, V. C. Uso de aplicativos para dispositivos móveis no processo de educação em saúde. **Humanidades & Inovação**, [S. l.], v. 5, n. 6, p. 34-42, 2018.

COSTA, A. A. L.; MENDES NETO, F. M. M.; SOMBRA, E. L.; MOREIRA, J. D. C.; VALENTIM, R. A. M.; SALES, A. F. A. Recomendação personalizada de conteúdo para suporte à aprendizagem informal no contexto da saúde. **Renote**, Porto Alegre, v. 12, n.1, p. 1-10, jul. 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/49840/31197>. Acesso em: 26 maio 2021

COUTO, E.; PORTO, C.; SANTOS, E. **App-learning**: experiências de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA, 2016. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/30756/1/app\\_learning\\_repositorio.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/30756/1/app_learning_repositorio.pdf). Acesso em: 6 jul. 2020.

CRESPO, M. C. A.; RODOLFO, S. I.; COSTA, L. S.; ARAÚJO, I. F. L. Modernidade líquida: desafios para educação em saúde no contexto das vulnerabilidades para infecções sexualmente transmissíveis. **Rev enferm UERJ**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 1-7, dez. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/43316/33078>. Acesso em: 4 set. 2021.

EYSENBACH, G. What is e-health?. **J Med Internet Res**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 1-2, abr-jun. 2001. Disponível em: <https://www.jmir.org/2001/2/e20/PDF>. Acesso em: 6 jul. 2021.

GOMES, M. L.de S.; RODRIGUES, I. R.; MOURA, N. dos S.; BEZERRA, K. C.; LOPES, B. B.; TEIXEIRA, J. J. D.; VASCONCELOS, C. T. M.; ORIÁ, M. O. B. Avaliação de aplicativos móveis para promoção da saúde de gestantes com pré-eclâmpsia. **Acta Paul Enferm**, [São Paulo], v. 32, n. 3, p. 275-281, abr. 2019. Disponível em: [http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/45632/1/2019\\_art\\_mlsgomes.pdf](http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/45632/1/2019_art_mlsgomes.pdf). Acesso em: 6 maio 2021.

HANDEL, M. J. mHealth (Mobile Health) - Using Apps for Health and Wellness. **The Journal of Science and Healing**, [S. l.], v. 7, n. 4, p. 256-261, jul. 2011.

LUCAS, M. C. V.; CARVALHO, A. L. B.; SOUZA, E. C. F.; MELO, C. M. R.; CRIVES, M. N. S. A Experiência de Apoio Institucional no Projeto de Resposta Rápida ao Enfrentamento da Sífilis nas Redes de Atenção à Saúde. **Revista Brasileira De Inovação Tecnológica Em Saúde**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 8-24, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.18816/r-bits.vi0.18679>. Acesso em: 17 março 2022.

LUCENA, S.; PEREIRA, S. A. C.; OLIVEIRA, A. A. D. Redes e Fluxos na iniciação à docência. In: COUTO, E.; PORTO, C.; SANTOS, E. **App-learning: experiências de pesquisa e formação**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 109-126. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/30756/1/app\\_learning\\_repositorio.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/30756/1/app_learning_repositorio.pdf). Acesso em: 6 jul. 2020.

MAIA, M. I. P. **E-Health: um futuro presente. An overview of the current stage and future**. 2020. 54 f. Dissertação (Mestrado em Medicina) – Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2020. Disponível em: [https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/10745/1/7350\\_15704.pdf](https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/10745/1/7350_15704.pdf). Acesso em: 18 mar. 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Glossário temático: gestão do trabalho e da educação na saúde**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/glossario\\_gestao\\_trabalho\\_2ed.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/glossario_gestao_trabalho_2ed.pdf). Acesso em: 10 jul. 2010.

MOREIRA, J. A. Reconfigurando ecossistemas digitais de aprendizagem com tecnologias audiovisuais. **Em Rede - Revista de Educação a Distância**, [S. l.], v. 5, n.1, p. 5-15, jan. 2018. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/305>. Acesso em: 26 maio 2021.

OLIVEIRA, A. C. B. L.; MORGADO, L.; DIAS, A. P.; CALDEIRA, A. K. O.; MOURA, A. B. A. M.; OLIVEIRA JUNIOR, M. S. Desenvolvimento de um protótipo de aplicação para dispositivos móveis sobre gravidez e sífilis na gestação como estratégia de educação em saúde. **Jornal da Sociedade Brasileira de DST**, [S. l.], v.33, p. 1-10, 2021. OLIVEIRA, A. R.;

ALENCAR, M. S. O uso de aplicativos de saúde para dispositivos móveis como fontes de informação e educação em saúde. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 15, n.1, p. 234-245, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8648137>. Acesso em: 11 out. 2019.

OLIVEIRA, H. M.; GONÇALVES, M. J. Educação em saúde: uma experiência transformadora. **Revista brasileira de enfermagem**, Brasília, DF, v. 57, n. 6, p. 761-763, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n6/a28>. Acesso em: 8 jul. 2020.

PINTO, I. S.; OLIVEIRA, J. S. B.; SUTO, C. S. S.; PINTO, F. S.; NOBRE, T. C. N. Práticas de saúde na prevenção das infecções sexualmente transmissíveis. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 10, 2021.

PRIMO, P. P. B.; MIRANDA, A. E. B.; SANT'ANNA, H. C. Uso de Novas Tecnologias para Conscientização da População em Temáticas da Área de Saúde: o caso do Aplicativo Aedes Zero. **Revista Guará**, Espírito Santo, n. 7, p. 163-170, set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/guara/article/view/17523/12075>. Acesso em: 6 jul.2020.

ROCHA, F. S.; SANTANA, E. B.; SILVA, E. S. da; CARVALHO, J. S. M.; CARVALHO, F. L. de Q. Uso de apps para a promoção dos cuidados à saúde. *In*: SEMINÁRIO DE TECNOLOGIAS APLICADAS EM EDUCAÇÃO E SAÚDE, 3., 2017, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: STAES, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/staes/article/view/3832>. Acesso em: 11 de out. 2019.

RODRIGUES, T. C.; TELES, L. F. O uso de mensagens eletrônicas instantâneas como recurso didático. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, DF, v. 100, n. 254, p. 17-38, 2019. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2176-66812019000100017&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2176-66812019000100017&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 21 maio 2021.

SALES, Rafaela Oliveira de; DILTS, Lucas Michael; SILVA, Raimunda Magalhães da; BRASIL, Christina Cesar Praça; VASCONCELOS FILHO, José Eurico. Desenvolvimento e avaliação de um aplicativo para o controle da sífilis em gestantes. **Rev Bras Enferm.**, [S. l.], v. 72, n. 5, p.1393-400, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0877>. Acesso em: 10 jul. 2021.

SCHALL, V. T.; MODENA, C. M. As novas tecnologias de informação e comunicação em educação em saúde. *In*: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JUNIOR, C. E. A. (org.). **Críticas e atuantes**: ciências sociais e humanas em saúde na América Latina [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. 708 p. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/w5p4j/pdf/minayo-9788575413920.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2021.

SILVA, A. F.; SOUZA, A. M.; LIMA, R. S.; LACERDA, N. L. S. Importância da arte e de recursos audiovisuais no processo de ensino aprendizagem. *In*: PORTELA, K. C. A.; SCHUMACHER, A. J. **Produção Científica e experiências exitosas na educação brasileira 3**. Ponta Grossa: Editora Atena, 2019. p.296-306. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/wp-content/uploads/2019/08/E-BOOK-Producao-Cientifica-e-Experiencias-Exitosas-na-Educacao-Brasileira-3-1-1.pdf>. Acesso em: 6 maio 2020.

SOUZA, F. M. L. C. **Aplicativo para dispositivo móvel como ferramenta de adesão de gestantes ao pré-natal**. 2019. 171 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/27581/1/AplicativodispositivomovelSouza\\_2019.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/27581/1/AplicativodispositivomovelSouza_2019.pdf). Acesso em: 3 maio 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global Observatory for eHealth**. Geneva: World Health Organization, 2014. Disponível em: <https://www.who.int/observatories/global-observatory-for-ehealth>. Acesso em: 16 jul. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Infecções Sexualmente Transmissíveis**. Geneva: World Health Organization, 2019. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/6-6-2019-cada-dia-ha-1-milhao-novos-casos-infecoes-sexualmente-transmissiveis-curaveis>. Acesso em: 20 jul. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **mHealth: new horizons for health through mobile technologies: based on the findings of the second global survey on ehealth**. Geneva: World Health Organization, 2011. Disponível em: [http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44607/9789241564250\\_eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44607/9789241564250_eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 16 jul. 2020.

XAVIER, A. S. M.; SANTOS, L. S. **A construção do conhecimento frente às ações educativas de prevenção às IST/HIV**. 2020. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem) – Universidade Evangélica de Goiás, Anápolis, GO, 2020. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/17296/1/A%20CONSTRU%c3%87%c3%83O%20DO%20CONHECIMENTO%20FRENTE%20%c3%80S%20A%c3%87%c3%95ES%20EDUCATIVAS%20DE%20PREVEN%c3%87%c3%83O%20%c3%80S%20IST-HIV.pdf>. Acesso em: 04 set. 2021.